



## Mulheres Quilombolas e Educação

## Quilombola Women and Education

***Carmen Lúcia Ferreira de Souza***

Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação/UFPel

***Lauren Barbosa Antunes***

Acadêmica de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação/UFPel

***Georgina Helena Lima Nunes***

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil

### **Resumo:**

O Programa de Extensão “Formação Docente e Políticas Educacionais para Quilombos: Continuidades e Perspectivas”, da Universidade Federal de Pelotas, foi desenvolvido nos municípios de Canguçu, Piratini, São Lourenço e Pelotas e tem por objetivo mapear a situação da educação escolar nestes quilombos. Neste percurso, um dos aspectos emergentes, é a situação das mulheres quilombolas que, na sua maioria não ultrapassaram os anos iniciais de escolarização e, muitas delas, nunca chegaram a ingressar na escola por conta de diferentes motivos, entre eles, uma luta pela sobrevivência que as remete a intensivas formas de trabalho tanto no interior da própria comunidade como fora dela. Contudo, nessa complexa relação com um trabalho, na maior parte das vezes voltado à agricultura e desprovida de direitos, se constitui como protagonista de formas peculiares de articular a sobrevivência material às dimensões culturais do seu grupamento étnico que produzem brechas a ciclos de inferioridade e dominação sob a dimensão de gênero/etnia. A luta pelo acesso à escola, à educação infantil, tem sido uma reivindicação histórica, principalmente das mulheres negras, cuja inserção em trabalhos domésticos é majoritária; sua inserção na luta, também, é acompanhada na maioria das vezes, por filhos/as que desde a mais tenra idade as acompanham e vão se politizando como gerações que irão modificando os rumos da histórica.

**Palavras-chave:** Educação. Mulheres Quilombolas. Trabalho.

### **Abstract:**

The Programa de Extensão “Formação Docente e Políticas Educacionais para Quilombos: Continuidades e Perspectivas”, of the Universidade Federal de Pelotas, was developed in the municipalities of Canguçu, Piratini, São Lourenço and Pelotas and it aims to map the school education situation on its marrons. In this direction, one of the emerging aspects is the marron women situation that, mostly, did not exceed the anos iniciais schooling and, many of them, never entered in the scool for different reasons, among them, an struggle for survival that remit them to intensive forms of work, inside and outside the community. However, in this complex relationship with work, almost always relationed to agriculture and devoid of rights, women are protagonists in peculiar ways of articulating the material survival to the cultural dimensions of their ethnic grouping which produces breaches of cycles of inferiority and domination under the dimension of gender/ethnicity. The struggle by school access, to early childhood education, has been a historical claim, especially from black women, whose insertion in housework is majority; their insertion in the fight, also, is

most often with children from an early age go with them and being politicized as generations that will changing the course of history.

**Keywords:** Education. Quilombola women. Work.

## Introdução

O Programa de Extensão “Formação Docente e Políticas Educacionais para Quilombos: Continuidades e Perspectivas”, da Universidade Federal de Pelotas, foi desenvolvido nos municípios de Canguçu, Piratini, São Lourenço e Pelotas e tem por objetivo mapear a situação da educação escolar nestes quilombos, através do diálogo entre universidade e população quilombola, estreitando dessa forma, os vínculos entre educação superior, educação básica e comunidade.

A referida proposta visa construir caminhos para a promoção da igualdade racial na sociedade brasileira compreendendo que a educação permeia varias instâncias da vida humana. A metodologia usada para a aplicação de algumas atividades do Programa é: fórum de discussões entre acadêmicos, gestores, comunidades e movimento sociais e educadores acerca das demandas históricas dos quilombos, no sentido de vislumbrar políticas publicas que contemplem suas reivindicações; pesquisa documental acerca da realidade educacional dos quilombos, usando como metodologia para essa pesquisa documental, uma pesquisa de campo, na qual, visitamos os quilombos dos municípios citados anteriormente e através de reuniões nas associações quilombolas e visitas às casas coletamos dados acerca de sua realidade educacional.

Neste percurso, um dos aspectos emergentes, é a situação das mulheres quilombolas que, na sua maioria, não ultrapassaram os anos iniciais de escolarização e, muitas delas, nunca chegaram a ingressar na escola por conta de diferentes motivos, entre eles, uma luta pela sobrevivência que as remete a intensivas formas de trabalho, tanto no interior da própria comunidade como fora dela.

Contudo, nessa complexa relação com um trabalho, na maior parte das vezes, voltado à agricultura e desprovida de direitos, as quilombolas se constituem protagonista de formas peculiares de articular a sobrevivência material às dimensões culturais do seu grupamento étnico que produzem brechas a ciclos de inferioridade e dominação sob a dimensão de gênero/etnia<sup>1</sup>. A luta pelo acesso à escola a educação em todos os níveis, tem sido uma reivindicação histórica, principalmente das mulheres negras, cuja inserção em trabalhos domésticos é majoritária; sua inserção na luta, também, é acompanhada, na maioria das vezes, por filhos/as que desde a mais tenra idade as acompanham e vão se politizando como gerações que irão modificar os rumos da sua história e das gerações que os/as antecederam.

<sup>1</sup> O conceito de gênero formulado por Joan Scott (1990), como um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e refere-se a um sistema de relação de poder, baseada no conjunto de qualidades, papéis, identidade e comportamentos opostos atribuídos a mulheres e homens. As relações de gênero (assim como as de classe e raça ou etnia) são determinadas pelo contexto social, cultural, político e econômico... (2010, p. 2)

## Mulheres Quilombolas e Educação Infantil

Um dos anseios das mulheres quilombolas das comunidades do Sul do Rio Grande do Sul, é que seus filhos, possam ter acesso à educação infantil, pois julgam que o acesso à escola desde cedo, traria benefícios as seus filhos, proporcionaria as mães, oportunidades de buscar empregos longe de suas casas visto que seus filhos estariam numa unidade escolar, recebendo o atendimento adequado para sua faixa etária e por compreenderem que a educação infantil é importante para o desenvolvimento de seus filhos. Acredita-se, portanto, que

o papel da educação infantil é significativo para o desenvolvimento humano, a formação da personalidade, a construção da inteligência e a aprendizagem. Os espaços educacionais, nos primeiros anos de vida, são espaços privilegiados para promover a eliminação de qualquer forma de preconceito, racismo e discriminação [...] O acolhimento da criança implica o respeito a sua cultura, corporeidade, estética e presença no mundo.<sup>2</sup>

Constatamos que não existem escolas de educação infantil/ creche nas comunidades em que desenvolvemos nossa pesquisa, por isso, as mães quilombolas buscam através de discussões nas comunidades uma maneira de assegurar os direitos de um ensino já consolidado por lei:

Das Etapas e Modalidades de Educação Escolar Quilombolas. Art. 15 A educação infantil primeira etapa da educação básica, na qual se privilegiam práticas de cuidar e educar, é um direito das crianças dos povos quilombolas, e obrigação de oferta por parte do poder público para as crianças de 4 (quatro) e 5 (cinco) anos que deve ser garantida e realizada mediante ao respeito às formas específicas de viver a infância, a identidade étnico-racial e as vivências socioculturais.<sup>3</sup>

As políticas educacionais existem, mas é preciso um longo caminho para que um ensino público de qualidade seja proporcionado integralmente as crianças oriundas dos quilombos dos municípios os quais realizamos nosso trabalho a maioria das mulheres dos quilombos de Pelotas, Piratini, São Lourenço e Canguçu não tiveram oportunidade de frequentar escolas, porém são suficientemente politizadas para lutarem por seus direitos e de seus filhos, suas ações são coletivas e desde cedo seus filhos participam dessas lutas, uma geração politizando a outra, e assim de uma maneira continua as gerações futuras vão se preparando, e reivindicando a cidadania, que muito embora seja negada no sentido mais amplo, é de entendimento dessas mulheres que muitos direitos foram conquistados com luta e trabalho, por isso elas não desistem de buscar por meios legais que as políticas educacionais saiam do papel, e passem a serem aplicadas, nas escolas principalmente na zona rural, pois é o lugar que historicamente pertencem a essas comunidades, por ser seu lar, e de sua ancestralidade, e assim manterem sua história.

Um dos exemplos que podemos citar é o da dona D. Maria do quilombo Fazenda da Cachoeira localizado no município de Piratini, que participa ativamente de todas as ações relacionadas a educação que, na maioria das vezes, são realizados em outras cidades e devido a distância e transporte, ela precisa pernoitar na cidade onde o evento é realizado; dona Maria está

<sup>2</sup> Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico – raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana, 2004, p. 47.

<sup>3</sup> Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola, Título V, 2012.

sempre acompanhada das filhas, Miridiane Eslair 17 anos, Amada Erotilda 15 anos, Rebeca Rosa 6 anos e Zilda Esperança 3 anos. Pode-se, então, antever, que estas oportunidades de discussão que se consolidam com muita dificuldade de participação, futuramente, resultará em um maior acesso a direitos.

### **Mulheres Quilombolas e trabalho**

As mulheres das comunidades quilombolas em que realizamos a pesquisa, tem sua experiência com o trabalho desde a infância, porque sua ajuda era indispensável pra a família, tanto aquelas que trabalhavam nas terras de sua família, com aquelas que desde cedo precisavam, trabalhar em casas de famílias de grandes proprietários, para ajudar no sustento de casa, na maioria das vezes, era um trabalho pesado, mal remunerado e as condições para exercer as tarefas eram indignas. Na comunidade Rincão do Couro no município de Piratini, dona Santa e dona Celina fez um relato na reunião da associação, que aconteceu no dia 5 de junho de 2012 que ficou registrado nos diários de campo de nosso grupo de pesquisa,

Nós trabalhávamos numa casa de um homem rico, que nos tratava como se fomos animais, pelo simples fatos de sermos negras, tínhamos que comer perto do chiqueiro dos porcos, tendo como bancos um cepo e comíamos com os pratos na mão, em dias de chuva nos abrigávamos em baixo de arvores que tivessem uma copa fechada”. ( Santa e Celina, Quilombo Rincão do Couro)

Na comunidade quilombola Iguatemi, temos também dona Lica que está com 96 anos, e desde menina trabalhava na lavoura, e nos serviços domésticos, sua força de trabalho era tanta, que ela era disputada pelos donos da terras, mais tarde quando casou levava seu filho para lavoura, numa cama improvisada, e durante o trabalho cuidava das necessidades do bebê. Mas para essas mulheres a luta cotidiana, é a força motriz que faz com que, sejam mães, aparadeiras, benzedeiras, agricultoras, que criam seus filhos com esperança de dias melhores, porque não se curvam diante das lutas .

As mulheres quilombolas não esquecem compromisso com a ancestralidade de manterem firmes suas raízes culturais, usando de estratégias próprias para resistir e fazer valer o direito a um trabalho digno, tentando valorar sua força de trabalho, a qual ainda tem muito desigual desde relação com quem às contrata. Já que as mesmas acabam sendo contratada apenas para serviços domésticos ou para trabalhar em colheitas, como a do fumo, por exemplo, uma atividade rural comum nos municípios onde nossa pesquisa foi realizada, assim, visualizamos essa relação de poder que sobrecaem por elas serem negras e mulheres, trata-se de uma questão do gênero e etnia.

### **Mulheres Quilombolas e Educação**

Durante a pesquisa nas comunidades quilombolas ficou comprovada o fato de que a maior parte das mulheres entrevistadas não concluíram o ensino fundamental, sendo que dessas a maioria, não completaram a 2ª série. Esses dados não são conclusivos, visto que nossa pesquisa ainda está em andamento. Uma das perguntas que são feitas é sobre qual o motivo de ter parado de estudar, é a grande maioria, respondia porque precisava trabalhar para ajudar a família, e que não tinham

escolas a noite, e os pais não permitiam que estudassem, pois as escolas eram muito longe e não tinham transporte outras respondiam que casaram e que precisavam cuidar dos filhos.

De uma maneira geral todas gostariam de voltar a estudar, porque consideram o estudo muito importante e uma forma de mudar algumas questões que se apresentam, muitas vezes, quase que como um determinismo social a que estão impostas. Durante a pesquisa buscamos informações com mulheres de variadas faixas etárias, basicamente, dos 20 a 70 anos. Um relato recorrente das mulheres mais velhas era que, muitas vezes, não tinham acesso a escolas perto de suas casas. Dona Selma, da comunidade Rincão das Almas no município de São Lourenço fez o seguinte relato anotado no diário de campo:

D. Selma sofreu preconceito, tanto dos colegas como da professora, que as crianças negras tinham que ficar separadas em classes colocadas no fundo de sala, e no recreio não podiam ficar perto dos colegas, essa forma cruel de preconceito colaborou também de forma decisiva para que desistissem de estudar ( Dia, mês e ano).

Outro relato significativo foi de Dona Eva, também da comunidade Rincão das Almas:

falou que elas Dona Eva e as irmãs eram impedidas de sonhar com um futuro profissional melhor que o estudo pode dar, pois seu pai a tirou da escola pelo por ela ser mulher. Ela sonhava em ser enfermeira, ou policial, mas não pode realizar seu sonho. hoje ela está com mais de 60 anos e voltou a estudar, na EJA na escola que fica a 4km de sua casa, ela vai de ônibus três vezes por semana, ônibus está lotado e quem não consegue ir de ônibus vai de bicicleta. Ela relata que, às vezes, pergunta para si mesma: “o que estou fazendo, vou me formar em que com minha idade? Mas ao mesmo tempo que pensa que ficar em casa pensando bobagens, também não é bom” (data) .

Com relação às mulheres mais novas é a falta de curso noturno que propiciassem a volta à escola, e desejo que creches fossem construídas para que dessa forma as crianças menores pudessem ficar sob cuidado de professoras e suas mães voltassem a estudar.

### **Considerações finais**

A pesquisa mostra que as mulheres dos municípios de Piratini, Pelotas, Canguçu e São Lourenço, tem em comum a luta por um trabalho mais digno e educação para todos, buscando através do diálogo e informação, uma condição de vida melhor, respeitando sua cultura, e sua história.

### **Referencias**

BRASIL, Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola, Título V, 2012.

BRASIL, Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro Brasileira e Africana, 2004.

[Recebido em: novembro de 2013.

Aceito em: dezembro de 2013.]